

NOVE NOITES: A ESCURIDÃO DO OUTRO

NINE NIGHTS: THE DARKNESS ON THE OTHER

Victor Leandro da Silva (PG-UFAM)

RESUMO: Em *Nove noites*, Bernardo Carvalho conta a história de um narrador e sua busca por relatar os fatos da vida de Buell Quain, antropólogo estadunidense que realizou pesquisas entre os índios brasileiros na primeira metade do século XX, vindo a suicidar-se no país, em 1939. O presente estudo visa analisar de que modo o romance constitui-se numa tentativa de compreensão das origens da cultura brasileira, ao passo que procurará estabelecer as relações entre a trajetória do pesquisador e o diálogo com a alteridade.

Palavras-chave: Cultura brasileira, Antropologia, Literatura, diálogo, Povos Indígenas.

ABSTRACT: In *Nine nights*, Bernardo Carvalho tells the story of a narrator and his quest for reporting the facts of life Buell Quain, American anthropologist who conducted research among Brazilian Indians in the first half of the twentieth century, come to commit suicide in the country, 1939. This study aims to examine how the novel constitutes an attempt to understand the origins of Brazilian culture while seek to establish relations between the researcher's trajectory of the dialogue with otherness.

Keywords: Brazilian Culture, Anthropology, Literature, dialogue, Indigenous Peoples.

A narrativa de *Nove Noites* (2009) traz consigo uma dupla investigação. De um lado, temos a busca por refazer a aventura brasileira – e verídica – de Buel Quain e os acontecimentos que o conduziram a seu fim prematuro. De outro, tem-se uma tentativa, ainda que um pouco implícita, de compreender o Brasil a partir de suas origens.

Após ler um artigo no jornal, o narrador fica intrigado com uma passagem do texto, que menciona o antropólogo Buel Quain e o suicídio cometido por este em terras brasileiras. A sonoridade do nome pareceu-lhe familiar, o que foi suficiente para instigar sua curiosidade em saber de quem se tratava. Acima de tudo, interessava-lhe o motivo que o teria levado a tirar a própria vida. Com isso, passou a refazer os passos do cientista, indo desde o local da morte de Quain, no Tocantins, até os Estados Unidos, sua terra natal.

Nesse momento, a narrativa se bifurca temporalmente, apontando ora para a vivência de Quain entre os índios, ora para a experiência investigativa do narrador. Contudo, ambas possuem o mesmo objetivo: esclarecer as causas do suicídio de Quain.

De boa aparência e conduta discreta, Buel Quain não possuía qualquer traço ou conduta em especial que o destacasse, afora o fato de esforçar-se muito para não parecer ser rico. Como pesquisador, adquirira, apesar da pouca idade, um lugar de destaque, o que contribui ainda mais para a perplexidade diante de sua morte voluntária: “ninguém podia esperar que um antropólogo

americano da melhor escola, trabalhando no Brasil, fosse se suicidar aqui, moço e já consagrado” (CARVALHO, 2009, p. 37)¹. Sua imagem era a de um jovem promissor, um estudioso comprometido com a missão de decifrar cientificamente o Brasil.

Contudo, para além dos relatórios apresentados oficialmente, há, à medida que avançam as investigações do narrador sobre a vida pessoal do antropólogo, o desvelamento de uma série de observações pessoais feitas por ele e que dão conta de uma relação nada objetiva com seu “objeto” de pesquisa, expondo um olhar muito mais denso e significativo do país do que pretendem seus textos científicos, ao passo que são também reveladores de seus próprios dilemas e inquietações.

Embora tenha desenvolvido estudos no Brasil, Quain não parecia nutrir nenhuma admiração pelos que aqui habitavam em seu tempo. Suas cartas dão conta de uma relação costumeiramente conflituosa, marcada por relatos irônicos e provocadores, o que se evidencia mesmo antes de sua chegada entre os índios:

Carolina é um lugar tedioso – analfabetos e intelectuais. Os intelectuais são os que usam ternos brancos e gravatas e pertencem a uma sociedade literária. Me juntei a eles numa reunião para homenagear Humberto de Campos, grande poeta do Maranhão. (...) Tudo isso podia ser muito simpático se não fosse pela pompa ridícula. (p. 26)

Aqui, o que parecia incomodar Quain era o aspecto ridículo como os brasileiros se apresentavam a ele. Os ditos intelectualizados enchiam-se de uma erudição completamente artificial e frágil, do mesmo tipo observado por Lima Barreto e parodiado por ele em seu conto *O homem que sabia javanês*, homens sérios e de pretensão culta, porém responsáveis pela formação de um país “imbecil e burocrático” (2010, p. 71), e cuja leitura de meia dúzia de livros não os impedia de serem enganados por qualquer um que se passasse por erudito ou poliglota.

Já com os índios, a sua relação era ainda mais hostil, e manifesta-se desde o primeiro contato: “Encontrei um grupo de índios Krahô e eles parecem pavorosamente obtusos. Têm cortes de cabelos engraçados, furam as orelhas e continuam sem usar roupas na cidade” (p.26), levando-o a descrições de seus hábitos totalmente subjetivas e permeadas de juízos, como nas suas observações da tribo Trumai:

Dormem cerca de onze horas por noite (um sono atormentado pelo medo) e duas horas por dia. Não têm nada mais importante a fazer além de me vigiar. Uma criança de oito ou nove anos parece já saber tudo o que precisa na vida. Os adultos são irrefreáveis nos seus pedidos. Não gosto deles. Não há nenhuma cerimônia em relação ao contato físico e, assim, passo por desagradável ao evitar ser acariciado. Não gosto de ser besuntado com pintura corporal. Se essas pessoas fossem bonitas, não me incomodaria tanto, mas são as mais feias do Coliseu (p.48).

¹ A partir desta nota as referências ao romance *Nove noites* serão feitas apenas pelo número da página.

Tal ponto de vista contrasta com o que sugerem seus estudos sobre essas tribos, que, a julgar pelos depoimentos registrados no romance, possuem características científicas, ou seja, obedecem às normas de objetividade e de observação isenta, sem indicar qualquer impressão pessoal acerca do que quer que tenha visto: “Seus relatórios e anotações (...) não têm outra utilidade senão a de propósito científico” (p. 32).

A exposição dessas contradições, feita em *Nove noites*, embora não possa ser considerada comum no meio antropológico, não chega a ser nova. Já em 1967, haviam sido publicados postumamente os diários pessoais do etnógrafo polonês Bronislaw Malinowski, que, quando cotejados com as pesquisas publicadas por ele, evidenciam de forma contundente o conflito entre a posição do cientista e sua experiência individual do encontro com outras culturas.

Se em *Os Argonautas do pacífico Ocidental* Malinowski faz uma defesa veemente da necessidade de contato com os povos estudados, de conhecer seus costumes, seu cotidiano, sua língua, a fim de que se possa retratá-los não como seres exóticos e afastados, mas como pessoas comuns tais quais aqueles que os pesquisam, lançando os fundamentos de uma observação participante, nos seus escritos íntimos, temos o reverso dessas orientações, evidenciando, conforme afirma o professor Vagner Gonçalves da Silva (2013), “a face menos ‘nobre’ do trabalho antropológico”.

Do mesmo modo que Quain, mesmo ainda não estando junto aos povos autóctones que pretendia estudar, Malinowski registra impressões nada elogiáveis dos lugares e pessoas por onde passa, como em Cairns, pequeno município da Austrália: “A cidade era pequena, desinteressante, o povo marcado pela presunção típica dos trópicos” (MALINOWSKI, 1997, p. 44). Tais observações conduziam-no a um estado depressivo que o acompanhava constantemente, além de muitas outras sensações incômodas. Dores, febres, inquietação, melancolia, crises de fraqueza: era esse o repertório que seguia o etnógrafo ao longo de sua pesquisa.

Já com os povos primitivos, sua irritação se tornava ainda maior, a ponto de ter contra eles desejos de violência: “De modo geral, meus sentimentos para com os nativos decididamente tendem para ‘exterminar os brutos’” (p.103), o que fazia com que em muitos casos agisse, como ele próprio reconhecia, de forma “injusta e grosseira” (p.103), numa postura muito distante tanto do observador impassível quanto do cientista compreensivo e humanista que Malinowski idealizava em seus estudos.

E, alternadas a essas considerações, figuram também relatos de acontecimentos de cunho estritamente particular e muitas vezes íntimo: “à noite fui tomado de um desejo amoroso pela Senhora N. Desci e procurei-a” (p. 127), os quais por vezes ocupam uma importância prioritária dentro dos textos. Obviamente, é de se imaginar que um diário pessoal possa conter esse tipo de

anotação. Porém, da forma como foram elaborados, os escritos de Malinowski não parecem ter uma pretensão intimista, e sim a de constituírem-se num relatório informal de trabalho. Portanto, a maneira como tais sensações ganham espaço e vão se entrelaçando com os registros ligados à pesquisa é uma demonstração de que, além do autor não estar totalmente voltado para o trabalho, suas inquietações individuais colocavam-se muitas vezes à frente de qualquer interesse profissional.

Desse modo, os diários do antropólogo polonês, bem como as cartas de Buell Quain, são documentos essenciais para a desmistificação da imagem do cientista neutro, incapaz de emitir juízos sobre as sociedades que pesquisa, e que não permite a menor interferência pessoal em seu trabalho. A Antropologia, assim como qualquer atividade que envolva relações entre humanos, está sujeita às intervenções provocadas por preconceitos, empatias, confrontos étnicos, sociais, culturais, morais ou ainda todo tipo de *pathos* ou impressão pessoal. Logo, o contato entre pesquisadores e informantes é na verdade um encontro entre dois indivíduos de culturas em muitos casos absolutamente distintas, e que costumeiramente se dá de modo conflituoso e chocante para ambos os lados.

Buel Quain detestava os índios brasileiros. Achava-os sujos, preguiçosos, “eles ignoram a idéia de trabalhar ou se esforçar para receber alguma coisa” (p. 96) e demasiado expansivos, além de sentir-se perturbado por sua licenciosidade erótica. “O sexo assombrava a solidão do meu amigo” (p. 49), escreveu Manoel Perna, que conviveu com o antropólogo no Xingu, e cujas cartas entrecortam a narrativa. Irritava-se costumeiramente com eles, muitas vezes demonstrando-o, e dizia que só assim conseguia ser atendido: “É muito difícil treinar nativos por aqui. A única forma de me impor a eles é ficando bravo, e então, por vinte e quatro horas, tenho todos os duzentos e dez deles aos meus pés, tentando desajeitadamente me satisfazer” (p. 96). Eram tantos os aspectos negativos observados nos indígenas, que ele desenvolveu um intenso repúdio a qualquer processo de identificação com as tribos: “nada podia lhe causar maior repulsa do que ter que viver como os índios, comer sua comida, participar da vida cotidiana e dos rituais, fingindo ser um deles” (p. 49).

Além disso, Quain tinha dificuldade para compreender os aspectos próprios da cultura dos índios, como no caso das relações de parentesco, que confundiam tanto a ele quanto o narrador de *Nove Noites*:

Aos poucos, fui descobrindo que a aldeia Nova era praticamente uma única família, que eram quase todos irmãos e irmãs, tios e sobrinhos, e que o parentesco simbólico, classificatório, em grande parte maquiava relações, se não incestuosas, pelo menos muito viciadas. Não consegui entender nem os laços de sangue nem o parentesco simbólico entre os membros da tribo. Era muito complicado, e meus objetivos não eram antropológicos. O próprio Quain teve dificuldades em entender essas relações. (p. 87).

Em *O povo brasileiro* (2004), Darcy Ribeiro aborda essa imbrincada relação, em espe-

cial a prática do *cunhadismo*, que consiste em estabelecer laços de parentesco com estranhos, integrando-os ao grupo, por meio da união destes com uma das moças da tribo. Segundo ele, foi por meio dessa instituição social que o Brasil se tornou possível, uma vez que permitiu a ligação entre brancos e índios, que,

Se alcançava graças ao sistema de parentesco classificatório dos índios, uns com os outros, todos os membros de um povo. Assim é que, aceitando a moça, o estranho passava a ter nela sua *temericó* e, em todos os seus parentes da geração dos pais, outros tantos pais ou sogros. O mesmo ocorria em sua própria geração, em que todos passavam a ser irmãos ou cunhados. Na geração inferior eram todos seus filhos ou genros. Nesse caso, esses termos de consanguinidade ou de afinidade passavam a classificar todo o grupo como pessoas transáveis ou incestuosas. (RIBEIRO, 2004, p. 81).

Logo, a incompreensão perante esses traços tão importantes e significativos da cultura dos índios, e, mais ainda, a recusa que tinha em aceitá-los ou ver neles aspectos favoráveis, faziam com que se formasse um grande abismo entre Quain e os povos que estudava, tornando sua experiência entre eles extremamente penosa e traumática, fato esse que não escondia em seus escritos não oficiais.

As admoestações de Buel Quain encontram ressonância no narrador da trama. Ele, que refaz os passos de seu investigado para tentar coletar informações sobre o mistério de sua morte, passa algum tempo entre os índios, a fim de conseguir ali alguém que se lembrasse do estudioso estadunidense e pudesse fornecer alguma informação relevante sobre ele. No entanto, a única coisa que obteve em relação a Quain foi a ideia do quanto deve ter sido penosa para ele sua estada no Xingu.

Sua passagem durou três dias, todos tomados por uma imensa apreensão. Estava acompanhado de um antropólogo e seu filho, mas isso não o impediu de ser ridicularizado por não querer participar dos rituais promovidos, tampouco evitou que passasse fome por ser incapaz de tragar a comida que lhe ofereciam. Irritou-se várias vezes com os nativos. Teve vontade de xingá-los, gritar com eles. Sentiu dor de cabeça e febre. Mesmo quase no fim da visita, ainda experienciava o pior: “a terceira noite foi um inferno” (p. 95). E quando achou que estava distante o suficiente deles, ainda o perseguiram, telefonando para pedir coisas, pois achavam que isto era algo devido a eles justamente: “Assim como os índios o adotam quando o recebem na aldeia, eles esperam que você também os adote quando vão à cidade. É uma relação aparentemente recíproca, mas no fundo estranha e muitas vezes desagradável” (p.97). As ligações eram feitas a cobrar, e as solicitações realizadas de maneira ininterrupta e aberta: “Não faziam a menor cerimônia. Os pedidos não tinham fim. Agora eu era o eterno devedor” (p.97).

Assim, o depoimento do narrador nada mais é do que a confirmação das sensações vi-

venciadas e descritas por Quain, as quais, mesmo após tanto tempo, continuam sendo possíveis de serem vivenciadas por qualquer indivíduo advindo de uma matriz cultural e um *ethos* conflitantes com os dos índios, pois, embora o narrador tenha sido criado no Brasil, tanto ele quanto Quain foram formados segundo os moldes da cultura europeia, centrada em valores bem diversos dos preconizados pelos habitantes mais antigos do país.

Nesse ponto, é possível questionar, no caso de Buell Quain, se sua antipatia não era apenas um caso simples de elitismo cultural de um indivíduo que se vê como parte de uma cultura superior, que se intitula civilizada, e que despreza todas as outras por serem animais e bárbaras. Contudo, tal hipótese não se confirma, já que, ao falar de outros povos com os quais também trabalhou, o antropólogo assume uma postura totalmente diferenciada, exaltando-os como ícones de valores morais: “uma sociedade muito rígida nas suas leis e nas suas regras” (p.41) e de virilidade: “o antropólogo comparava os mirrados Trumais aos homens musculosos de Fiji” (p. 48), rechaçando qualquer influência de um olhar colonizador sobre a forma de observá-los.

Na verdade, o que Buell Quain detestava eram justamente os traços distintivos dos índios brasileiros, os quais ele via estenderem-se aos demais habitantes do país: “o Brasil, por sua vez, sem dúvida absorveu muitas das marcas mais desagradáveis das culturas indígenas” (p.108). Abominava a natureza “indisciplinada e invertebrada” (p.108) de sua cultura, sua preguiça, sua falta de ímpeto, e a impressionante capacidade de confiar no destino, de achar que o acaso sempre estará a seu favor. Também execrava a maneira despojada como estabeleciam contato com o outro, sua intimidade forçada, e o modo como as relações de amizade se estabeleciam da parte deles, sempre interesseiras, voltadas somente para a obtenção de favores.

A trajetória de Quain no Brasil finda por ir ao encontro das hipóteses de Darcy Ribeiro sobre a influência indígena na formação da cultura brasileira. Contudo, isto é feito da maneira mais drástica, desvelando todas as possíveis implicações negativas do processo.

Desse modo, o romance de Bernardo Carvalho acaba constituindo-se numa contundente reflexão acerca do *ethos* nacional e também numa tentativa de interpretação do Brasil por meio da investigação das raízes de sua cultura, que encontram-se nos valores e práticas dos povos originais do país, os quais foram observados e registrados na fonte, estando, assim por dizer, em seu estado mais selvagem e, talvez por esse motivo, menos aceitáveis aos olhares dos estrangeiros que os conhecem.

Contudo, apesar da densidade das considerações feitas sobre esses problemas, a pergunta fundamental da narrativa permanece: que motivos levaram à morte Buell Quain?

A primeira hipótese sugerida foi a de que Quain teria se suicidado por conta de alucina-

ções ou miragens, possibilidade essa logo descartada pelo narrador. Também não lhe parecia correto atribuir a causa a algum tipo de desencanto perante o mundo, pois, ainda que Quain tivesse uma atitude melancólica, não parecia ser isso motivo suficiente para tal ato. Assim, as investigações pareciam levar para algum acontecimento específico de sua vida pessoal. E foi nesse caminho que se traçou a teoria mais consistente.

Quain tinha sífilis, e parecia estar bastante debilitado pela doença à época de sua morte. E, segundo o que indicam os dados coletados pelo narrador em sua pesquisa, ele estava tentando sair da aldeia para encontrar-se com o filho, de cujo nascimento acabara de saber. Percebendo que não conseguiria chegar vivo ao seu destino, preferiu matar-se, a fim de que não houvesse maiores questionamentos em torno da sua doença ou mesmo de qualquer evento de sua vida. Como disse seu amigo Manoel Perna, ele se matou para tornar-se invisível até a si mesmo, “para deixar de se ver” (p. 100).

Mas, se a investigação pôde conduzir até o desvelamento de uma causa plausível para o suicídio, por outro lado, ela não é capaz de explicar por que motivo este se deu forma tão violenta, o que leva a crer que, embora as razões gerais possam ser as explicitadas, deveria haver, além dessas, uma motivação mais profunda que levasse o antropólogo a praticar um ato tão grotesco e desmedido.

Nesse ponto, as anotações feitas pelo narrador sobre o cientista e si próprio são de pouca valia. Também não ajudam as similaridades entre o seu relato e o de Malinowski, pois, ainda que este tenha passado por situações parecidas, falta em seus cadernos a experiência da morte vivenciada. Somente quem experienciou a morte pode verdadeiramente depor sobre ela. Entretanto, para que isso ocorra, o indivíduo terá que se tornar incomunicável, o que impede que encontremos tais testemunhos na realidade concreta. Portanto, a interpretação da morte do antropólogo deve procurar o paralelo que lhe permita a compreensão não no campo histórico, mas sim no ficcional, e mais estritamente, no caso de Quain, em *O coração das trevas* (2004).

Nessa obra, escrita por Joseph Conrad, temos a história da viagem empreendida pelo marinheiro Charles Marlow ao Congo para encontrar o Sr. Kurtz, chefe do posto interior e notável fornecedor de marfim.

À medida que Marlow avança rio adentro, os relatos sobre Kurtz vão se adensando. Todos dão conta de uma figura admirável, única, capaz de arrastar uma legião de seguidores e também de despertar a inveja de vários de seus companheiros.

De formação esmerada e amplamente eurocêntrica “a Europa inteira contribuíra para a fabricação de Kurtz” (CONRAD, 2004, p. 94), Kurtz desenvolveu ideias contundentes acerca da

superioridade branca em relação aos outros povos, a ponto de considerar que a supremacia de sua cultura era tão grande que os próprios selvagens os veriam como seres superiores, de uma espécie mais elevada, e passariam a obedecer-lhes naturalmente, o que representava um pleno domínio dos brancos: “Pelo simples exercício de nossa vontade, podemos exercer para sempre um poder quase ilimitado” (p. 94). Assim, Kurtz considerava que era sua missão, assim como dos demais membros da comunidade civilizada, mover meios para que se tornasse possível a supressão da barbárie. “Exterminem todos os bárbaros” (p. 96), era o que dizia em seus momentos de euforia, frase essa que muito provavelmente inspirou Malinowski a expressar seu desejo de exterminar os brutos.

Em seu posto na floresta africana, Kurtz pôde comprovar suas teorias. Dominou os nativos, persuadindo-os a segui-lo. Em pouco tempo, passou a enviar uma quantidade exorbitante de marfim. Era um explorador incansável, estava sempre à procura de novas aldeias, não temia nada. Contudo, os excessos cometidos em suas expedições, além de suas diversas crises psicológicas, puseram-no enfermo. E, quando Marlow finalmente chegou a seu encontro – após um violento embate com as tribos que habitavam o local e queriam impedi-lo de levar o líder embora e depois de passar por entre imagens aterradoras de “cabeças de rebeldes” (p. 111) penduradas em estacas a mando do próprio Sr. Kurtz – ele se encontrava bastante doente.

Em verdade, quando Marlow o viu pela primeira vez, Kurtz já havia enlouquecido, devastado pela doença e pelos confrontos consigo mesmo, o que não impediu que o marinheiro constataste a grandeza de seu caráter: “Vi o mistério inconcebível de uma alma que não conhecia limite, nem fé, nem medo, embora lutasse cegamente contra si própria” (p. 127).

Embarcado para fazer o caminho de saída do coração das trevas, a fim de que pudesse ser salvo, Kurtz sabia que não seria capaz de sobreviver ao trajeto. Entretanto, não se intranquilizou com isso, apenas cuidou para que Marlow guardasse seus objetos pessoais. Ao deixar a vida, resumiu, nas últimas palavras, toda a sua experiência do mundo: “O horror, o horror” (p. 132).

Analisando de forma comparativa, a narrativa de Kurtz atua como um espelho onde é possível ver refletida a tragédia de Buell Quain. Ambos eram indivíduos excepcionais, foram formados no cerne da cultura do Ocidente, e o deixaram para frequentar florestas e povos distantes, caindo enfermos e vindo a morrer quando percorriam o caminho de volta para casa. Ao final, eles sucumbiram às trevas em que imergiram profundamente, sendo incapazes de regressar.

Em Kurtz, o conflito entre civilização e barbárie foi o que resultou em sua queda, uma vez que, no interior do líder expedicionário, as linhas que separavam as duas tornaram-se invisíveis. O extermínio dos índios e a busca desenfreada por marfim não eram menos selvagens do que os hábitos dos nativos que se embrenhavam na floresta, os quais, mesmo violentos, deixaram-se con-

vencer pelo discurso de Kurtz, tornando-se seguidores de sua lógica e racionalidade. Com isso, Kurtz, sem saber mais de que lado estava, acabou consumido na exploração de ambos, até voltar-se contra todos e contra si mesmo, numa luta que culminou em seu desaparecimento.

E quais foram as trevas de Buell Quain? Elas não se encontravam nem na civilização, que ele parecia por vezes esquecer, nem na barbárie, que procurava estudar, mas sim no diálogo com o outro. Sua consciência era incapaz de compreender os que estavam a sua volta, salvo os que se assemelhavam a ele próprio. Por isso, admirava os outros povos – que tinham um *ethos* mais próximo ao seu – e desprezava o brasileiro, cujos valores encontravam-se a uma distância intransponível dos dele. E, diante dessa incomunicabilidade, ficou aterrorizado. Porém, diferentemente do Sr. Kurtz, Quain não falou sobre o horror: imprimiu-o em seu próprio corpo:

Ao voltar para o acampamento sem pá nem enxada, João Canuto o encontrou todo cortado com navalha e ensanguentado (...) Assustado, João também fugiu. Voltou à fazenda Serri-nha em busca de ajuda. Quando retornou na manhã seguinte, acompanhado pelo fazendeiro Balduíno e por outros vaqueiros, encontrou o etnólogo pendurado numa árvore arqueada, sobre uma poça de sangue. (p. 75).

Esse gesto, bem como as sete cartas escritas às vésperas de seu fim, dão conta da intenção de Quain em deixar algum tipo de depoimento, de testemunho. Eram o seu testamento. Contudo, sua história foi ignorada, e seu nome relegado ao esquecimento, da mesma forma como foram esquecidas as tribos que conheceu no país. Com isso, a porta do diálogo interétnico permaneceu fechada, e o abismo que atormentava o antropólogo continua posto, provocando uma cisão profunda entre o Brasil e suas origens, índios e não índios, o ser humano e sua compreensão.

Referências

- BARRETO, Lima. “O homem que sabia javanês”. In: *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Carvalho, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- Conrad, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre, L&PM Editores, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SILVA, Vagner Gonçalves. “Nos bastidores da pesquisa de Campo”. <http://www.n-a-u.org/ResenhasUmdiariosentidoestrito.html> (acesso feito em 06.08.2013)..